



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA
AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS
CURSO DE BACHARELADO EM HUMANIDADES**

JANAINA LAUREANO PINTO DA SILVA

**DIVERSIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL:
UM ESTUDO DE CASO NA CRECHE C.E.I. MARIA BESSA RAMOS**

REDENÇÃO-CE

2018

JANAINA LAUREANO PINTO DA SILVA

**DIVERSIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL:
UM ESTUDO DE CASO NA CRECHE C.E.I. MARIA BESSA RAMOS**

Trabalho de Conclusão de Curso em formato de projeto de pesquisa, apresentado ao Curso de Bacharelado em Humanidades, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB – como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Orientador: Prof^ª. Dr^ª. Janaina Campos Lobo.

REDENÇÃO-CE

2018

UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-
BRASILEIRA

JANAINA LAUREANO PINTO DA SILVA

**DIVERSIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL:
UM ESTUDO DE CASO NA CRECHE C.E.I. MARIA BESSA RAMOS**

Trabalho de Conclusão de Curso em formato de projeto de pesquisa jugado e aprovado para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB –.

DATA: ___/___/___

NOTA: _____

BANCA EXAMINADORA:

Prof^a. Dr^a. Janaina Campos Lobo – Orientadora
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

Examinador(a) I: Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-
Brasileira (UNILAB)

Examinador(a) II: Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
(UNILAB)

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO	05
2. JUSTIFICATIVA	07
3. DELIMITAÇÃO DO TEMA	09
4. OBJETIVO	10
5. HIPÓTESE	11
6. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	12
6.1 OS CONCEITOS DE DIVERSIDADE	12
6.1.2 DIVERSIDADE CULTURAL, ÉTNICA E DE GÊNERO	13
6.2 EDUCAÇÃO INFANTIL PARA A DIVERSIDADE	15
6.3 CURRÍCULO E DIVERSIDADE	17
7. METODOLOGIA	19
8. REFERÊNCIAS	22

1. APRESENTAÇÃO

Este projeto pretende demonstrar como as escolas de educação infantil preparam as crianças para serem inseridas em uma sociedade cheia de diversas culturas, religiões e costumes. Como lidar com essa diversidade? Como os professores abordam esse tema? Como eles trabalham? Qual é sua maneira de mostrar para essas crianças que “diferença” é uma característica inerente a qualquer sociedade? Em que momento dentro da escola esse tema é mais debatido? Já ocorreram casos em que as crianças não souberam como se comportar diante de uma “diferença”?

Sabemos que cada criança tem uma personalidade que se encaixa nessa diversidade e essa diversidade é um tema que deve ser debatido no ambiente escolar. Quando pensamos em educação infantil, o tema das diferenças/respeito é ainda mais questionado, pois envolverá crianças menores de seis anos. Esta fase inicial será crucial para a formação dessas crianças, visto que, estarão formando sua cidadania, e o ensino da diversidade/respeito às diferenças é fundamental.

As crianças possuem diferenças de temperamento, atitudes, orientação religiosa, gênero, etnia, características físicas, habilidades e conhecimentos, por isso deve-se criar situações de aprendizagem em que a questão da diversidade seja abordada nessas instituições (BRASIL, 1998 apud METZNER, Andreia C.). Desta maneira, para que seja incorporada pelas crianças, a atitude de aceitação do outro em suas diferenças e particularidades precisa estar presente nos atos e atitudes dos adultos com os quais convivem nas instituições escolares (BRASIL, 1998, p.41 apud METZNER, Andreia C.). Para Brandão (1986 apud GUSMÃO, 2000, p. 12) “o diferente e a diferença são partes da descoberta de um sentimento que, armado pelos símbolos da cultura, nos diz que nem tudo é o que eu sou e nem todos são como eu sou”.

Sabe-se que os alunos têm diferentes origens e histórias de vida, portanto não podemos negar essas diferenças que os tornam seres humanos concretos, sujeitos sociais e históricos (GUSMÃO, 2000). Tratar as crianças como iguais, independente de suas diferenças, é uma maneira de ensiná-las a respeitar as diferenças dos outros. A diversidade aqui questionada está ligada aos conceitos de diferença, oposição, pluralidade, multiplicidade, diferentes ângulos de visão ou de abordagem e heterogeneidade, pois cada um tem seu jeito de ser, pensar, agir e isso nos torna únicos no mundo.

A pluralidade cultural de grupos étnicos, sociais e culturais necessita ser pensada como matéria-prima de aprendizagem, como referente para uma sociedade equânime, porém nunca como conteúdo de dias especiais, datas comemorativas ou momentos determinados em sala de aula (GUSMÃO, 2000, p. 19).

Este projeto será realizado em uma instituição pública municipal, a creche C.E.I. Maria Bessa Ramos, localizada no município de Acarape-CE, na rua Henrique Bessa, centro deste município, no maciço de Baturité. A referida creche está estruturada com oito salas de aula, uma secretaria, uma cantina, dois banheiros e uma área de lazer. Trabalham na instituição vinte e três funcionários, sendo uma diretora, uma secretária, uma coordenadora pedagógica, dezoito professores (dois deles são de rodízio), uma merendeira e um auxiliar de limpeza. A creche possui capacidade para 325 alunos, 172 no período matutino e 140 no período vespertino. Cada turno possui duas salas para cada infantil II, III, IV e V.

Esta instituição foi construída no ano de 2009, mas só foi inaugurada em 2010. Foi construída para suprir a necessidade de um lugar que atendesse apenas crianças de ensino infantil, pois antes de 2010, essas crianças estudavam em uma escola de ensino fundamental I, dividiam a escola com alunos bem maiores que eles, e acabavam por terem suas rotinas escolares comprometidas. No intervalo, por exemplo, as crianças nunca podiam sair da sala, porque haviam crianças bem maiores e nas brincadeiras do intervalo uns ou outros aproveitavam-se da vantagem de possuírem um maior tamanho e/ou idade, havendo sempre confusões reiteradas. Também na hora das brincadeiras essas crianças acabavam sendo machucadas por não acompanharem o ritmo dos alunos das séries seguintes do fundamental, e por vezes, as aulas eram interrompidas por outras crianças que queriam ficar na sala de aula e acabavam por atrapalhar o professor durante a regência na turma.

Desta maneira, tal projeto busca analisar como a creche C.E.I. Maria Bessa Ramos aborda, em seu cotidiano escolar, o tema do respeito às diferenças com as crianças atendidas por esta instituição. Busca-se, portanto, avaliar se a instituição C.E.I. Maria Bessa Ramos contribui para a formação de uma consciência cidadã, quanto ao respeito da diversidade.

2. JUSTIFICATIVA

Desde muito cedo nos deparamos com uma quantidade enorme de diferenças/alteridades vinculadas a diversos fatores, desde em relação a uma origem menos abastada até questões de raça ou de orientação religiosa. Tais diferenças se acentuam porque de certa forma não somos preparados para conviver com a diversidade e, sobretudo, não aceitamos o que está fora dos padrões hegemônicos. Por isso, tal questão deve ser debatida desde o momento que a criança se insere na vida escolar, começando – portanto – a partir da educação infantil.

Podemos afirmar que durante sua história, a escola pensou e praticou o princípio de que “todos tinham que ser iguais”, mas iguais a quê? A um modelo imposto pelas elites, o modelo europeu, branco, masculino. Para atingir este modelo, as instituições escolares organizaram seus trabalhos a partir de padrões que deveriam ser cumpridos por todos. Tal debate pode ser corroborado em Faria Filho (2000), onde ele reitera que:

Os materiais de ensino intuitivo, as carteiras fixas no chão, e a posição central da professora pareciam indicar lugares definidos para alunos e mestra em sala de aula. (...) A rígida divisão dos sexos, a indicação precisa de espaços individuais na sala de aula e o controle dos movimentos do corpo na hora de recreio conformava uma economia gestual e motora que distinguia o aluno escolarizado da criança sem escola. (FARIA FILHO, 2000, *apud* MARTINS)

A escolha do tema deu-se a partir da observação e identificação que as crianças na educação infantil não são preparadas para lidar com a diversidade. Observa-se que os conteúdos ensinados nas escolas durante esse período não abordam esse tema a contento. Desta maneira, é possível observar ainda, que as crianças acabam por não serem preparadas para atuarem em prol de uma sociedade equânime.

Mas como entender diversidade? No dicionário, podemos encontrar o significado etimológico da palavra, a saber, “sf diferença, dessemelhança, variedade”. Porém, essa diferença, na atualidade, não pode ser compreendida como o oposto do normal, mas apenas como “diferente”. Mas o que significa esse “diferente”? Como abordar o “diferente” de uma forma representacional positiva para as crianças?

Nesse sentido, pensamos que o grande desafio da educação é estabelecer um processo de aprendizagem baseado na comunicação e na troca, visando eliminar práticas de

discriminação e de exclusão presentes no contexto social, bem como no contexto escolar (GUSMÃO, 2000).

Comungamos com os direitos humanos quando salientam que pedagogos e instituições de Educação Infantil devem assegurar “a dignidade da criança como pessoa humana e a proteção contra qualquer forma de violência – física ou simbólica – e negligência”, sendo esta principalmente decorrente de conflitos gerados por questões de desigualdade, seja ela social, cultural, econômica ou religiosa. (BRASIL, 2010, p.21 *apud* METZNER, Andreia C.)

As instituições devem aceitar a criança como “sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva” (BRASIL, 2010, p.12 *apud* METZNER, Andreia C.).

Vê-se, portanto, que o tema diversidade, deve-se fazer presente no cotidiano escolar, uma vez que, a escola deve contribuir para minimizar conflitos e promover o respeito à diferença. Conforme aponta Abramowicz (2011), a presença efetiva dessa discussão em contexto escolar é, antes de mais nada, uma demanda de agentes e movimentos sociais que clama por equidade na sociedade:

As mãos coloridas dispostas em círculo, os agrupamentos de crianças como representantes de diferentes grupos étnico-raciais e crianças com de - ciências unidas sob o título de, por exemplo, “ser diferente é legal”, revelam que de alguma forma passamos por um processo de absorção e/ou resposta ao agravamento dos conflitos entre grupos sociais de diferentes culturas, etnias e raças e de acolhida às ações, demandas e discursos dos movimentos sociais – negro, feminista, indígena, homossexual, entre outros – que reivindicam, há algumas décadas o reconhecimento e inserção social e política dos particularismos étni- raciais e culturais no interior do quadro nacional, especialmente nas políticas educacionais. (ABRAMOWICZ *et al.*, 2011, p. 86)

Tal perspectiva nos indica que o tema do respeito às diferenças/diversidade deve ser incorporado, de modo efetivo, nas políticas educacionais, o intuito é romper com a ideia que a escola se estrutura “em uma imposição de um saber, de uma racionalidade, de uma estética, de um sujeito epistêmico único, legitimado como hegemônico, como parâmetro único de medida, de conhecimento, de aprendizagem e de formação” (ABRAMOWICZ *et al.*, 2011, p. 94).

3. DELIMITAÇÃO DO TEMA

Em meio a uma sociedade diversa e plural, e com o encontro dessa multiplicidade na vida das crianças, principalmente a partir da vivência destas nas escolas, é que este projeto se direciona para entender as dificuldades que os professores podem se deparar ao tentar abordar as diferenças dentro das escolas. Para tanto, tomarei como objeto deste projeto, em particular, a escola de ensino infantil C.E.I. Maria Bessa Ramos, localizada no município de Acarape-CE.

A partir dos autores utilizados em meu estudo, discorrerei sobre casos e reações das crianças dessa escola sobre o respectivo assunto, bem como sobre a posição dos professores ao abordar a diferença/diversidade em sala de aula. Com as reflexões desses autores, GUSMÃO (2000), FARIA FILHO(2000), GADOTTI (1992) foi possível perceber que existe um senso comum que dificulta quando se tem que debater sobre diversidade, por exemplo, (1) “ainda são crianças e não conseguem compreender a realidade da diversidade e quais os danos uma pessoa pode causar por preconceito” e/ou (2) “essas crianças já têm um pensamento pré-estabelecido sobre diversidade que vem do ambiente familiar e a escola não pode interferir nessas questões”.

Em consequência disso, observo – através da minha própria trajetória como mãe com filhos em idade escolar – que as crianças saem da educação infantil com grandes dificuldades em aceitar e respeitar as diversidades que encontrarão por toda a vida, com grande tendência a reagir com atitudes preconceituosas. É possível ainda salientar, que os maiores problemas relacionados a diferenças ocorrem, principalmente, quando se trata de diferenças raciais, religiosas, orientação sexual e portadores de deficiência.

4. OBJETIVOS

4.1 GERAL

Analisar como a temática da diversidade/respeito às diferenças é abordada por professores entre as crianças da creche C.E.I. Maria Bessa Ramos – Acarape-CE.

4.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Identificar os métodos/atividades dos professores para tratar do tema diversidade;
- Compreender como o tema do respeito às diferenças é trabalhado, no cotidiano escolar, pelos professores e quais os resultados de tal abordagem;
- Identificar quais as maiores dificuldades que as crianças enfrentam nas escolas relacionadas ao tema da diversidade/respeito às diferenças.

5. HIPÓTESE

Parto da pressuposição que as escolas de ensino infantil do município de Acarape não estão adequadamente preparadas para abordar o tema da diversidade em seu cotidiano, entre as crianças atendidas pela creche C.E.I Maria Bessa Ramos.

6. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Diversidade é um tema muito debatido e quando ele passa a ser abordado dentro de uma escola de ensino infantil é ainda maior a discussão, pois estas instituições servem como alicerce, juntamente com a sociedade para a criação de uma consciência cidadã.

Esse tema tomará a escola como ponto de partida, pois os currículos atuais procuram demonstrar e explicar como e por que essa diversidade existe e qual a importância do acolhimento e da inclusão. Tal assertiva está baseada nos Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil, orientação do Ministério da Educação, em vigor desde 2006 que salientam que “defendemos uma perspectiva educacional que respeite a diversidade cultural e promova o enriquecimento permanente do universo de conhecimentos”.

6.1 OS CONCEITOS DE DIVERSIDADE

Abordar o tema da diversidade em um contexto escolar significa que teremos que, primeiramente, entender como tal conceito tem sido utilizado. Portanto, elencarei alguns autores que debatem sobre essa questão. Didenot (2005), por exemplo, indica que o tema da diversidade tem sido tratado em duas frentes, a cultural e a biológica, segundo o autor:

O tema da diversidade, que não é novo na história, está ocupando, a partir de 1980, grande parte das atenções da sociedade atual. Ele se expressa em dois campos interrelacionados: (a) no âmbito da cultura e (b) dos sistemas biológicos. No primeiro, a explicitação da diversidade levanta-se como reação à pressão homogeneizadora que as culturas dos países mais ricos fazem sobre as culturas locais, no bojo da globalização. Várias culturas e línguas já desapareceram e muitas outras estão sob o risco de sumirem ante a invasão de culturas dominantes, que tendem a uniformizar visões de mundo, padrões de conduta e valores dos países em que foram geradas. No segundo âmbito de discussão, a ideia central é de que a natureza é imensamente diversificada e essa diversidade é que garante a sobrevivência e a evolução da vida. O mundo vem tomando consciência do processo de degradação das condições ambientais desencadeado pelo desrespeito à diversidade e que é necessário mudar a atitude depredadora. A preservação do(s) ecossistema(s) é condição da qualidade de vida atual como também da continuação da vida sobre a Terra. (DIDONET, 2005)

No caso do debate sobre diversidade na educação, tal conceito diz respeito a concepção de um processo de ensino-aprendizagem em que vigore o respeito às diferenças, como preconiza Santos (2008, s/p) quando diz:

Quando falamos sobre diversidade em educação nos remetemos à idéia de dar oportunidades a todos os alunos de acesso e permanência na escola, com as mesmas igualdades de condições, respeitando as diferenças. Ao se abordar a questão das diferenças ou diversidades, não se remete somente às minorias ou às crianças com necessidades especiais. É muito mais amplo, pois todos nós seres humanos somos únicos, portanto diferentes uns dos outros. Tal fato trata-se de denominar como diversidade as diferentes condições étnicas e culturais, as desigualdades sócio-econômicas, as relações discriminatórias e excludentes presentes em nossas escolas e que compõem os diversos grupos sociais.

Nesse sentido, Taveira et al (2015, p. 95) reitera que “a escola tem que se superar e se preparar para ser espaço de liberdade onde todos serão considerados iguais em suas singularidades [...] Espaço para promoção de uma educação que valorize e respeite o ser humano”.

A partir de tais perspectivas, a seguir, trarei algumas definições que podem nos auxiliar na compreensão de uma efetiva educação cidadã, para colocarmos em prática uma educação que seja inclusiva e não se transforme em uma educação excludente (GONÇALVES, 2015).

6.1.2 DIVERSIDADE CULTURAL, ÉTNICA E DE GÊNERO

Quando abordamos o tema da diversidade no contexto escolar, temos que nos atentar para o leque conceitual que atravessa essa questão. Para começar, trarei um sucinto debate sobre diversidade cultural, uma vez que, uma das questões candentes diz respeito a essa questão, conforme apontado nos Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil (2006, p. 20):

Por sua vez, o respeito à diversidade cultural e étnica e a consideração das realidades locais, reivindicados por diversos movimentos sociais, no bojo de um questionamento sobre a imposição de critérios estabelecidos unilateralmente a partir da lógica dos grupos dominantes, reforçam a demanda por processos mais participativos de definição e aferição da qualidade da educação.

Primeiramente, as escolas devem levar para a sala de aula, textos e instrumentos que abordem o tema da diversidade cultural, pois será na escola que as crianças irão aprender sobre interculturalidade. Na visão de Gadotti (1992):

A diversidade cultural é a riqueza da humanidade. Para cumprir sua tarefa humanista, a escola precisa mostrar aos alunos que existem outras culturas além da sua. Por isso, a escola tem que ser local como ponto de partida, mas tem que ser internacional e intercultural como ponto de chegada. (...) Escola autônoma significa escola curiosa, ousada, buscando dialogar com todas as culturas e concepções de

mundo. Pluralismo não significa ecletismo, um conjunto amorfo de retalhos culturais. Significa sobre tudo diálogo com todas as culturas, a partir de uma cultura que se abre às demais. Nos contextos atuais a palavra diversidade remete-nos para um campo da diferenciação da sociedade tanto nos ambientes do trabalho e bem como nos espaços da convivência social. (GADOTTI (1992)

Compreendemos ser de grande importância que o tema da diversidade cultural seja cada vez mais debatido dentro da área educacional. As múltiplas formas de existência, especialmente baseadas em tradições culturais, não podem ser entraves para a formação de uma consciência cidadã em um contexto escolar, sobre isso Paim e Frigerio (2004) dizem que:

A abordagem do termo diversidade cultural torna-se uma necessidade atual e relevante a partir do momento em que as escolas de ensino infantil tem que desenvolver um ensino que procura atender a diversidade cultural. Historicamente falando, as escolas em geral têm dificuldades para lidar com a diversidade. As diferenças tomam-se problemas ao invés de oportunidades para produzir saberes diferentes níveis aprendizagem. A escola é o lugar em que todos os alunos devem ter as mesmas oportunidades, mas com estratégias de aprendizagens diferentes. (PAIM e FRIGERIO, 2004, p.02).

Entendemos ser de suma importância a criação de projetos pedagógicos que se preocupem em buscar e mostrar a diversidade cultural, com a preocupação de sempre promover o bom senso de que toda diferença deve ser respeitada, pois a partir do momento que falamos sobre diversidade cultural, estamos falando sobre seres humanos e suas particularidades. Em Perreneud citado por Fernandes (2000) observamos que:

Enfrentar desafios de propor um ensino que respeite a cultura da comunidade significa constatar cada realidade social e cultural com a preocupação de traçar um projeto pedagógico para atender a todos sem exceção. O Brasil é um país rico em diversidade cultural, devido cada um possuir a sua própria cultura, costumes, crenças religiosas. Trabalhar a diversidade brasileira é adentrar em um universo muito rico, aprender a maneira de ser, de viver, ser capaz de respeitar e ao mesmo integrar a cultura popular. Olhar sobre a diversidade cultural, expõe peculiaridade da existência humana as diferentes formas que assumem as sociedades ao longo dos tempos e dos espaços, as relações entre povos, culturas, cavilações, etnias, grupos sociais e individuais. Configura-se o desafio central não só das práticas pedagógicas, mas das possíveis de convivência que queira construir para humanizar-se as relações na economia, na política e no saber, nos diferentes quadrantes históricos e geográficos. (PERRENEUD apud FERNANDES, 2000).

De acordo com os estudos de Kramer (1994) citado por Mota, o currículo da educação infantil deve ser entendido como um conjunto sistematizado de práticas culturais no qual se articulam, de um lado, as experiências, os valores e os saberes das crianças, de suas famílias, da equipe de profissionais e da comunidade extraescolar e, de outro, os conhecimentos que

fazem parte do patrimônio cultural, no qual a dimensão de cuidado para com as crianças assume um caráter ético e os valores democráticos e de solidariedade criam laços entre gerações que fortalecem o sentimento de pertencer a uma cidadania compartilhada.

A diversidade étnicorracial, também, deve ser incorporada, de modo a não negar, tampouco mascarar desigualdades, sobre isso Silva e Souza (2008), salientam:

O desafio, portanto, da educação no Brasil é não mascarar essas diferenças, mas valer-se delas para enriquecer o aprendizado dos alunos e melhorar os indicadores socioeconômicos das populações indígenas e negras. Para que a escola avance na relação entre os saberes escolares e a diversidade étnico-racial e cultural, é preciso que os educadores também compreendam que o processo pedagógico é formado por distintas dimensões, tais como a ética, as identidades, as sexualidades e as relações étnico-raciais. Dessa maneira, será possível construir coletivamente novas formas de convivência, tolerância e respeito, pois é preciso que as políticas públicas educacionais existam para atender ao conjunto da sociedade brasileira (SILVA & SOUZA, 2008, p. 188).

Com relação à diversidade de gênero, por sua vez, vê-se que tal termo tem sido utilizado para se referir a sexo, orientações sexuais e identidade de gênero, levantando questões grandemente discutidas por vários teóricos como, por exemplo, CANGUÇU (2015), quando diz:

A questão de gênero ocupa papel central no processo de construção da identidade” e que se deve “transmitir valores de igualdade e respeito entre pessoas de sexo diferente e permitir que as crianças brinquem com as possibilidades relacionadas tanto ao papel de homem como ao de mulher”. Cabe ao professor ficar atento para não reproduzir os padrões estereotipados e trabalhar com o que os próprios alunos trazem em sua bagagem cultural, tendo sempre em mente em transmitir a igualdade entre os gêneros, e não apenas camuflando essa desigualdade ainda presente na sociedade. (CANGUÇU.2015 p.21-22).

6.2 EDUCAÇÃO INFANTIL PARA A DIVERSIDADE

Percebe-se que a educação infantil é uma etapa fundamental no processo de ensino-aprendizagem, sendo de suma importância para contribuição do desenvolvimento da criança. É nessa etapa que as crianças têm que aprender sobre diversidade. De acordo com Pacievitch [200-?]:

A educação infantil, é a primeira etapa da educação básica tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico,

psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.” (PACIEVITCH [200-?. s/p])

Ainda, Pacievitch [200-?.s/p], diz que apesar de a educação infantil ser imprescindível para as crianças, devendo ser oferecida em creches para as crianças de 0 a 3 anos e em pré-escolas para as crianças de 4 e 5 anos, tal oferta não é obrigatória, de modo que a implantação é decisão de cada município. Vê-se, portanto, que a partir deste dado, tal pesquisa se insere no sentido de compreender como a C.E.I Maria Bessa Ramos, no município de Acarape, foi implementada e se a atuação da creche atende aos parâmetros nacionais que norteiam a educação infantil.

Canguçu (2015), por sua vez, ao analisar a educação infantil, repensará a questão da qualidade, segundo o autor “ qualidade é um conceito polissêmico, ele pode estar relacionado a diversos fatores”, afirmando que a análise de tal atributo deve seguir orientações que incorporem o debate sobre diversidade. Sousa (1998), igualmente, afirma que “buscar qualidade na educação é estar disposto a enfrentar muitos desafios é, ainda, construir um currículo que respeite a diversidade, e tantas outras dimensões dessa qualidade”.

Sabe-se que as escolas de ensino infantil não têm a obrigação de alfabetizar crianças e, por isso, não seguem um currículo disciplinar formal, apenas orientações. Levando em conta tal disposição, possivelmente tal abertura possibilitaria uma grande contribuição para uma abordagem efetiva sobre a diversidade, pois cada professor teria a liberdade para criar seu plano de aula de acordo com necessidades locais e coletivas.

Nesse sentido, Canguçu (2015), reflete que é necessário que haja diálogo entre pais e professores, em conjunto com as crianças, para orientá-las e fazê-las refletir sobre a diversidade, o autor ainda salienta que:

A escola é um espaço de informação, reflexão e (re) construção do conhecimento tanto dos alunos, quanto dos professores e pais. O diálogo nessa fase é um dos mais importantes instrumentos na construção do saber. Discutir com os alunos a construção dos valores, dando espaço para a igualdade de gêneros e para a diversidade. Professores reflexivos, analisando sua atuação em sala de aula, são necessários em todas as salas de aula. E diálogo constante com pais sobre o trabalho mútuo na construção da igualdade de gêneros (CANGUÇU. 2015, p.22).

Ainda de acordo com Canguçu (2015), a escola pode trabalhar para educar, evitando processos de discriminação desde os primeiros anos da vida escolar. Valsiner (1989; 2007) diz que “a escola é um espaço típico de desenvolvimento e de socialização [...]. É no contexto

dessas interações pessoais que se veiculam os significados, crenças e valores socioculturais, que são ressignificados de modo único pela pessoa em desenvolvimento”.

Os autores Mota e Lima (2012), dizem que “a criança pequena que frequenta a educação infantil é vista como um indivíduo que aprende brincando” e que, portanto, “é importante olhar essas crianças como um indivíduo que está inserido em um meio social e prepará-las para conviver nele de forma harmoniosa e respeitosa”. Está evidente, então, que a escola de educação infantil é uma porta para uma formação cidadã, que pode comprometer-se com o ensino sobre a diversidade envolvendo seus múltiplos aspectos.

Por este ponto de vista, as escolas ao construírem seus currículos devem estar atentas as singularidades dos alunos e as diversidades socioculturais das comunidades onde as escolas estão inseridas, pois de acordo com o Referencial Curricular da Educação Infantil proposto pelo MEC, a educação infantil deve priorizar o trabalho com as diversidades, levando “em conta suas singularidades, respeitando-as e valorizando-as como fator de enriquecimento pessoal e cultural” (BRASIL, 1998, p. 46. Apud MOTA e LIMA 2012).

Por fim, é preciso atentar-se e compreender que a sociedade é repleta de diversidade, com isso as escolas devem estar aptas a uma educação que priorize essas multiplicidades.

6.3 CURRÍCULO E DIVERSIDADE

É preciso analisar os métodos de ensino utilizados nas escolas, pois a educação é uma fase fundamental na vida de uma criança, portanto é de suma importância que os professores passem por uma formação específica, de acordo com Mota e Lima (2012):

Os estudos desenvolvidos na área da educação infantil nos últimos anos têm apontado para a necessidade de se repensar essa modalidade de ensino, compreendendo-a como uma etapa significativa na formação integral da criança. A partir desses estudos, o Ministério da Educação (MEC) tem construído novos referenciais políticos e pedagógicos para a formação dos educadores na educação infantil, assim como tem produzido novas diretrizes curriculares para essa modalidade de ensino que fomentem a construção de práticas educativas que potencialize o desenvolvimento da criança em seus aspectos físicos, afetivos, cognitivos/linguísticos, socioculturais, bem como as dimensões lúdicas, artísticas e imaginárias (MOTA e LIMA, 2012)

De acordo com Mota e Lima (2012), para educar crianças da educação infantil “torna-se necessário ampliarmos a discussão sobre o currículo desenvolvido nos centros de educação infantil a fim de compreendermos como os professores abordam a questão das diversidades culturais no âmbito das práticas educativas”, nesta perspectiva também cabe inferir sobre a formação de professores e sobre como cada professor constrói sua abordagem educacional entre crianças.

7. METODOLOGIA

Este trabalho busca analisar as formas como os professores de escolas de ensino infantil abordam a temática da diversidade dentro das escolas do município de Acarape, em especial da creche C.E.I. Maria Bessa Ramos. Para realizar este estudo utilizaremos o método qualitativo, com observação participante e entrevistas semiestruturadas com professores/funcionários que trabalham na instituição escolar.

Creswel (2007.p 184 e 188) reitera que o método qualitativo “baseia-se em dados de texto e imagem, têm passos únicos na análise de dados e usam estratégias diversas de investigação”. Tal sentença coaduna-se com o que fora debatido por Rossman e Rollis:

A pesquisa qualitativa ocorre em um cenário natural. O pesquisador qualitativo sempre vai ao local onde está o participante para conduzir a pesquisa isso permite pesquisador desenvolver um nível de detalhes sobre o local e estar altamente envolvido nas experiências reais do participante. ” (ROSSMAN e ROLLIS apud CRESWELL 2007, p.186).

Tal perspectiva infere que o pesquisador insere-se no local do entrevistado, dando a possibilidade de se envolver nas experiências dos interlocutores. Tudo isso, levando em conta que a pesquisa qualitativa é de caráter interpretativo e participante e o pesquisador pode se envolver fortemente com a rotina dos participantes.

Ainda sobre o método qualitativo, a concepção de Rossman e Rallis segundo Creswell (2007):

A pesquisa qualitativa usa métodos múltiplos que são interativos e humanístico. (...) os pesquisadores qualitativos buscam o envolvimento dos participantes na coleta de dados e tentam estabelecer harmonia e credibilidade com as pessoas no estudo. Eles não perturbam o mais que o necessário. Além disso, os métodos reais de coletas de dados, tradicionalmente baseados em observação abertas, entrevistas. (ROSSMAN e ROLLIS apud CRESWELL 2007, p.186).

Como técnicas de pesquisa utilizaremos a observação participante e entrevista semiestruturada. Na entrevista semiestruturada “O roteiro pode possuir até perguntas fechadas, geralmente de identificação ou classificação, mas possui principalmente perguntas abertas, dando ao entrevistado a possibilidade de falar mais livremente sobre o tema proposto” (LINHARES 2014, p.19).

Optamos por utilizar entrevistas, por levarmos em conta que é “uma oportunidade de conversa face a face, sendo utilizada muitas vezes, para “mapear e compreender o mundo da

vida dos respondentes”, ou seja, ela fornece dados básicos para “uma compreensão detalhada das crenças, atitude, valores e motivações” em relação aos atores sociais e contextos sociais específicos” (LINHARES 2014, p. 18).

Segundo Lakatos e Marconi apud Linhares (2014), com a entrevista qualitativa consegue-se averiguar fatos ocorridos; conhecer a opinião das pessoas sobre os fatos; conhecer o sentimento da pessoa sobre o fato ou seu significado para ela, descobrir quais foram, são ou seriam as condutas das pessoas sejam elas passadas, presentes ou planejadas (futuras) e descobrir fatores que influenciam os pensamentos, sentimentos ou ações das pessoas.

Segundo Linhares (2014) na observação participante existem vantagens e limitações entre elas estão:

- Dificuldades de comunicação tanto do entrevistador quando do entrevistado podem tornar a entrevista um instrumento nulo;
- Exige melhor capacitação ou treinamento do entrevistador;
- Possibilidade de o entrevistado ser influenciado pelo entrevistador;
- Medo do entrevistado de ter sua identidade revelada ou da falta de sigilo sobre seu depoimento;
- Constrangimentos por parte do entrevistado em função dos temas ou de exposição de sua subjetividade;
- Ocupa muito tempo do entrevistador, e por isso pode ser mais onerosa;
- Dificuldades para ser realizada em função de restrições por parte do entrevistado (agenda, disponibilidade, confiança, vontade de cooperar, etc.);
- Exige mais esforço e tempo na análise dos dados coletados (principalmente se comparada ao questionário).

Ainda assim, acreditamos que a entrevista semiestruturada nos fornecerá dados mais efetivos quanto ao debate sobre diversidade na creche C.E.I. Maria Bessa Ramos.

Da mesma maneira que a técnica de entrevista, a observação exige um contato face a face do pesquisador com o seu objeto de estudo. Da mesma forma que ocorre com as entrevistas, no caso da observação, não será o número de observações realizadas que define a credibilidade dos dados de uma pesquisa, mas a profundidade e a amplitude alcançadas ao longo do processo de coleta de dados. (LINHARES 2014, p.28)

Lima (2008), salienta que a observação exige que o pesquisador utilize todos os seus cinco sentidos para examinar uma realidade a ser investigada, seja ela uma comunidade, uma

vila, uma empresa, um grupo, um fato ou fenômeno, etc. Antes de iniciar uma observação, é preciso definir os objetivos da pesquisa, definir um roteiro de observação, deixando claramente estabelecido o que será observado. Também é necessário definir a regularidade das observações e a extensão do tempo previsto para o processo de coleta de dados. Sobre a observação, Linhares (2014, p.31), diz que “a observação participante é recomendada quando o pesquisador julgar que sua participação direta no evento ou fato a ser observado gerará maior profundidade na compreensão do mesmo.”

Para Linhares (2014), bem como para Lima (2008), da mesma maneira que para Minayo (2008), a observação participante é a técnica mais utilizada nas pesquisas de natureza qualitativa. Nesta técnica, o observador faz parte da vida dos observados e assim é parte do contexto sob observação. Ao mesmo tempo em que investiga, é capaz de modificar o objeto pesquisado e também de ser modificado pelo mesmo.

8. REFERÊNCIAS

BORGES, Thaís Cristina F. **A Colaboração do corréu como meio de investigação de provas nos termos da lei nº 9.807/1999**. NOVOS DIREITOS – Revista Acadêmica do Instituto de Ciências Jurídicas - ISSN: 2447-1631. v. 2, n. 01: jan. jun. 2015.

CRESWELL, W. John. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

DIDONET, Vital. **Diversidade e Educação Infantil**, artigo disponível: <http://primeirainfancia.org.br/diversidade-e-educacao-infantil-artigo-por-vital-didonet/>
Acesso em: 15/04/2018.

GONÇALVES, Angélica. **Diversidade e Inclusão na Educação: Eixo – Psicopedagogia, Educação Especial e Inclusão Agência Financiadora: não contou com financiamento.IV Seminário de Representações Sociais, Subjetividade e Educação-SIESSE**

GUSMÃO, Neusa M. M. **Desafios da Diversidade na Escola**. Revista Mediações, Londrina, v.5, n.2, p.9-28, jul/dez, 2000.

METZNER, Andreia C. ; FERREIRA, Natercia M.; SIQUEIRA, Aline F. **trabalhando a diversidade na educação infantil: um novo olhar sobre as diferenças** eixo: práticas pedagógicas, culturas infantis e produção cultural para crianças pequenas. S.d

MOTA, Carla C,F (UFPI); MACHADO, Darlene L (UFPI); LIMA, Elmo de S (UFPI). **Currículo e Diversidades Culturais na Educação Infantil**.

PACIEVITCH, Thaís. **Educação Infantil**. disponível: <https://www.infoescola.com/educacao/educacao-infantil/amp/>. acesso em: 15/04/2018.

PAIM, E. R.; FRIGÉRIO, N. A. **O desafio de trabalhar a diversidade cultural na escola**. Universo Acadêmico: Nova Venécia – ES, jan./jun. 2004

SANTOS, Cinthya A. MACHADO, Humberto C. **O Uso de Agrotóxicos e a Saúde do Trabalhador Rural – Seus Aspectos Comportamentais e Fisiológicos**. Novos Direitos – Revista Acadêmica do Instituto de Ciências Jurídicas. ISSN: 2447-1631 v. 2, n. 01: jan. jun. 2015.

SANTOS, Ivone Aparecida dos. **Educação para a Diversidade: uma Prática a ser Construída na Educação Básica** Universidade Estadual do Norte do Paraná - Campus de Cornélio Procopio. Parana 2008.

SILVA, Vanja Mara Barbosa da. **A diversidade em sala de aula: um desafio sempre atual**. Buritiz, MG. Junho/ 2015

SILVA, G J. SOUZA, J L. **Educar para a diversidade étnico-racial e cultural: desafios da educação inclusiva no Brasil**. Inter-Ação: Rev. Fac. Educ. UFG, 33 (1): 169-192, jan./jun. 2008.

TAVEIRA, Ana C F. SANTOS, M L. PEREIRA, Edna L M. **O Direito à Educação e o Tratamento da Diversidade na Escola.** Novos Direitos – Revista Acadêmica do Instituto de Ciências Jurídicas. ISSN: 2447-1631. v. 2, n. 01: jan. jun. 2015.